

A violência no discurso do aluno do “morro”

letrônica

Daniela Araujo*

1 Introdução

O filme *Tropa de Elite* (T.E.)¹, de José Padilha (2007), apresenta a guerra do tráfico no morro do Rio de Janeiro. Há, em cena, traficantes, usuários de drogas, policiais corruptos e policiais do BOPE (Batalhão de Operações da Polícia Especial), conhecidos como a tropa de elite da polícia civil do Rio de Janeiro (daí o nome do filme). Este batalhão de operações especiais é apresentado como exemplo de moral, justiça e honestidade, e a tortura é um dos seus métodos utilizados contra os que não têm tais virtudes.

O diferencial não é o filme em si, mas a repercussão que este teve na sociedade brasileira, por trazer à tona além dos temas polêmicos, como corrupção de policiais, tráfico e uso de drogas, uma outra constatação: mesmo que todos concordem que há um problema social no cenário brasileiro – a criminalidade – e que precisa ser solucionado, não há concordância quanto aos métodos de solução. O filme, ao mostrar uma solução polêmica – o uso da força – para o fim da violência, extrapola a ficção, pois provoca uma discussão sobre o tema violência como um problema social. Uns defendem que os métodos do BOPE, apresentados na obra, servem de catarse para a sociedade, que já não sabe mais como lidar com o problema social vigente. Outros acreditam que o filme é fascista, ao incentivar a violência como solução, o que se considera condenável, pois contraria os Direitos Humanos.

Optamos por analisar o que os alunos de uma escola municipal pensam sobre tudo isso, já que eles convivem com o tráfico, seja como vendedores, como compradores ou considerando-se vítimas. Pensamos que uma interface entre o filme e a realidade, representada pelos textos dos alunos, é relevante na medida em que percebemos que há nas

* Doutoranda em Linguística, pela PUCRS, na linha de pesquisa da Semântica Cognitiva. Professora da rede municipal de ensino de Porto Alegre. E-mail: daniujo2002@yahoo.com.br

¹ O filme é baseado no livro *A elite da tropa*, de Luis Eduardo Soares, Rodrigo Pimentel e André Batista, publicado pela Editora Objetiva, em 2006, São Paulo.

sequências discursivas de ambas as fontes de pesquisa uma identificação com uma mesma formação discursiva, para qual a violência é um método justo para combater o crime. Talvez essa mesma identificação ocorra porque a realidade social mostrada na ficção é a mesma enfrentada no dia-a-dia desse aluno adolescente.

Este artigo lança um olhar sobre a violência urbana e sobre a relação que a sociedade, e, em especial, esses alunos mantêm com a criminalidade. Entendemos que há, no filme e nos textos dos alunos, uma postura política, ideológica e social do sujeito produtor do discurso, por isso, optamos por trabalhar com a teoria de Análise do Discurso de linha francesa (AD), que entende a leitura e a escrita como gestos interpretativos a partir de uma identificação ideológica.

Então, na primeira parte do artigo trabalho, fazemos um breve panorama teórico sobre a AD, trazendo algumas noções centrais que servem de norte para este estudo: *discurso, formação ideológica, formação discursiva, interdiscurso, memória discursiva e posição-sujeito*. Na segunda parte, contextualizamos o filme citado e os alunos autores dos textos selecionados, verificando, nas sequências discursivas dos dois recortes em questão, a formação discursiva predominante e as posições-sujeitos que se formam a partir desta. Por fim, são feitas algumas considerações sobre o estudo feito.

2 Análise do discurso: um breve panorama teórico

A Análise do Discurso (AD), de linha francesa, é apresentada no fim dos anos 60, por Michel Pêcheux, que discute os conceitos da Linguística, da Sociologia e da Psicanálise, para explicar o funcionamento do discurso a partir da relação entre língua e história. Para a AD, o *discurso* se constitui de uma materialidade linguística e histórica. A linguagem passa a ser entendida como produção social, considerando-se a exterioridade como constitutiva, e o sujeito, por sua vez, deixa de ser considerado centro e origem do seu discurso e passa a ser parte de uma construção polifônica, de um lugar de significação historicamente constituído. Há então, de acordo com Orlandi (2003), um deslocamento das noções de linguagem e sujeito, a partir de um trabalho com a ideologia. A ideologia passa a ser vista como algo que tem existência, mas que só adquire materialidade via práticas sociais, no conflito de posições, materializado através da linguagem do discurso. Ideologia, língua e sujeito se entrelaçam, constituindo o discurso em AD.

O *discurso*, objeto teórico da AD, é o efeito de sentido entre os interlocutores, é uma prática social, que interpreta uma situação de mundo e se materializa em palavras, através da dispersão de textos, envolvendo um sujeito interpelado pela ideologia, constituído pelo contexto em que está inserido e pelas suas condições de produção: “relações de força e de sentido envolvidas nas relações discursivas” (PÊCHEUX, 1993, p. 77). Todo discurso é atravessado por outros discursos, que mantêm entre si relações de contradição, de dominação, de confronto, complementação. Assim, todo discurso é heterogêneo. Nesse ponto, é importante a contribuição, para a AD, de Authier-Revuz (1990), para quem esta heterogeneidade pode ser constitutiva do discurso (que esgota a possibilidade de captar linguisticamente a presença do outro no um) ou mostrada no discurso (que indica a presença do outro no discurso do locutor). Esta última ainda pode ser dividida, segundo a autora, na ordem da *enunciação*, visível na materialidade linguística (marcada), ou na ordem do discurso, não sendo visível (não-marcada).

Indursky (1992, *apud* CAZARIN, 1997), partindo da ideia de que um discurso é heterogêneo porque sempre comporta, constitutivamente, em seu interior, outros discursos, diz que, em AD, o que importa é romper analiticamente a aparente homogeneidade discursiva para fazer vir à tona a heterogeneidade fundante.

Outro conceito fundamental em AD é o de *formação ideológica* (FI), definida como um conjunto complexo de atitudes e representações que vivem em relação entre os sujeitos, sendo atravessado por diferentes ideologias (religiosa, política, etc.), “uma força em confronto com outras forças, na conjuntura ideológica característica de uma formação social” (PÊCHEUX e FUCHS, 1993, p. 166). As palavras, as expressões mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que a empregam. Os sentidos, podemos entender então, não são dados *a priori*, não pré-existem, não são determinados por propriedades linguísticas, são, sim, determinados por posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico, ou seja, o semântico em AD é social e historicamente determinado.

A manifestação, no discurso, de uma determinada formação ideológica se dá pela *formação discursiva* (FD), que é definida por Pêcheux e Fuchs (1993, p. 166) como “aquilo que numa formação ideológica dada (posição dada, conjuntura, situação), determina o que pode e deve ser dito”. A FD é parte da FI, pois é construída historicamente, ideologicamente. Há, no entorno da FD, um “todo complexo dominante”, chamado de interdiscurso, que é o conjunto de formações discursivas que se inscreve no nível da constituição do discurso, na

medida em que trabalha com a re-significação do sujeito sobre o que já foi dito, determinando os deslocamentos promovidos pelo sujeito nas fronteiras de uma formação discursiva.

O *interdiscurso* é o lugar onde se constituem os objetos do saber (os enunciados). Ele está fora da FD, mas é dele que vêm os enunciados que farão parte do discurso de um sujeito. Para Orlandi (1990), o interdiscurso corresponde ao “isso-fala”, o sentido “já-lá”, representa o domínio do saber, a memória da FD.

Para Leandro Ferreira (2008)², a *memória discursiva* tem a ver com as possibilidades de dizeres que são atualizadas no ato enunciativo, como efeito de um esquecimento correspondente a um processo de deslocamento da memória como virtualidade de significações. Há uma memória inerente à linguagem. E os processos discursivos são responsáveis por fazer emergir o que, em uma memória coletiva, é característico de um determinado processo histórico. O interdiscurso é todo o conjunto das possibilidades do dizer. Esse interdiscurso é acionado pela memória. O sujeito busca as palavras do outro, aquelas já-ditas. Isso nos leva ao conceito do pré-construído, fruto de discursos anteriores.

Aliás, é interessante observarmos que, apesar de nada do que é dito ser novo, de o discurso sempre ser posterior a outro discurso e anterior a outro que virá, o sujeito acredita ser fonte do seu dizer. Ele acredita que o que disse é de sentido único e que só poderia ser dito da forma como foi. Isso é uma ilusão, pois quando se diz algo, se repete o que já foi dito. Além disso, quando se diz algo, se diz de algum lugar da sociedade para alguém de algum lugar da sociedade e isso faz parte da significação. Conforme aponta Cazarin (1997), há nos mecanismos de toda a formação social regras de projeção que estabelecem a relação entre as situações concretas e as representações dessas situações no interior do discurso. Diante disso, é preciso considerar o lugar social dos interlocutores.

Os processos discursivos não têm sua origem no sujeito, mas sim na FD com a qual o sujeito se identifica. Daí se pode dizer que o que existe é a *forma-sujeito* da formação discursiva com a qual diferentes posições de sujeito se relacionam, numa maneira particular. A forma como determinada *posição-sujeito* se relaciona com a forma-sujeito evidencia a dispersão do sujeito e a não homogeneidade da própria FD.

Para Indursky (2007), é a *forma-sujeito* que regula o que pode e deve ser dito em uma FD, e é através da relação do sujeito com a *forma-sujeito* de uma formação discursiva que se chega ao funcionamento do sujeito no discurso. E esse sujeito pode ser um bom ou um mau sujeito, pois, conforme aponta Pêcheux (1997), pode reproduzir espontaneamente (como bom

² O glossário da autora está publicado na página virtual www.discurso.ufrgs.br
Letrônica, Porto Alegre v.5, n. 2, p.202, jun./2012.

sujeito), a partir de uma tomada de posição, o Sujeito de determinada formação discursiva, ou pode se contra-identificar (como mau sujeito) com a formação discursiva que lhe é imposta a partir do interdiscurso.

Para a AD, a *posição-sujeito* é o resultado da relação que se estabelece entre o sujeito enunciador e a forma-sujeito de uma dada formação discursiva. Uma *posição-sujeito* não é uma realidade concreta, mas envolve o imaginário, já que representa, no processo discursivo, os lugares ocupados pelos sujeitos na estrutura de uma formação social.

Entendendo os conceitos que servem de norte para este trabalho, seguimos com as sequências discursivas selecionadas para análise.

3 Metodologia: análise e reflexão

O *corpus* deste trabalho é constituído por sequências discursivas (sd) selecionadas do filme *Tropa de Elite* (T.E.) e selecionadas dos textos de alunos do terceiro ciclo da Escola Municipal de Ensino Fundamental Deputado Victor Issler, sobre T.E. e violência. Tais materiais de análise apontam para uma formação ideológica em que se defende que é preciso punir o crime, além de uma identificação com a formação discursiva para a qual a violência é método justo para combater o crime, pois atinge os bandidos (violência aqui é entendida como uso de força bruta, tortura psicológica ou física e/ou uso de armas).

3.1 Violência: na ficção e na realidade

O filme *Tropa de Elite* (T.E.), produzido em 2007³, dá uma ideia de como é a guerra do tráfico, mostrando a organização dos traficantes nos morros do Rio de Janeiro e o funcionamento do sistema policial neste contexto. A polícia comum carioca é apresentada como corrupta, e a equipe do batalhão para operações especiais (BOPE) é apresentada como o “lado honesto da Lei”, que pune exterminando quem assim não é (daí a violência do filme, já que mostra o enfrentamento físico e psicológico entre este grupo da polícia – o BOPE – e os que são considerados “sem moral”, “desonestos”, de acordo com o narrador da obra de ficção).

A violência utilizada pelo batalhão de operações especiais não é questionada no filme; ao contrário: é tida como símbolo de eficiência. Como nosso interesse é saber o

³ Vale lembrar que o filme é baseado em fatos reais. Por não ser possível anexá-lo ao trabalho, citamos apenas algumas falas presentes, ou seja, algumas sequências discursivas, selecionadas.

posicionamento dos alunos do “morro” sobre o tema “violência”, pois, lembrando, nas favelas, além do traficante, do bandido, há o pobre, que, mesmo não sendo bandido, muitas vezes é rotulado como tal, sendo tratado de forma violenta. Designações como “maloqueiro”, “marginal”, “chinelão”, “vileiro” são comuns no cotidiano desse aluno do “morro”. Além de sofrer esse tipo de violência (o preconceito), ele ainda precisa lidar com a violência do tráfico, já que mora em zona de enfrentamento entre bandidos e policiais. Para isso, foi solicitado aos alunos que escrevessem sobre o filme T.E e sobre violência.⁴

Na *sequência discursiva*, analisamos, então, alguns trechos dos dois recortes – o filme e os textos dos alunos, chamados aqui, respectivamente, ficção e realidade –, mostrando a *formação discursiva*, segundo a qual a “violência é um método justo para combater o crime”, e as posições-sujeitos que definem quem são os bandidos, que, de acordo com ambos, devem ser punidos.

3.2 Análises: formação discursiva: a violência é um método justo para combater o crime

Como já citado anteriormente, aparece apenas uma formação discursiva. As sds selecionadas dos textos dos alunos se identificam com as sds selecionadas do filme T.E. Primeiramente, vejamos como tal formação aparece no filme:

FD na ficção (filme T.E.):

sd 1: O BOPE parece uma seita. Mas é assim mesmo que tem que ser. Os homens são tratados na base da porrada. Para entrar aqui o cara tem que provar que aguenta pressão. Nem o exército de Israel tem o treinamento como o da gente... (narrador)

Seita faz parte de uma FD religiosa, é um dito de outro lugar e está relacionado com seguidores, rituais. Seu uso não serve para contradizer a FD para qual a violência é um método justo para combater o crime, mas para fortalecer a posição-sujeito apresentada.

O uso do “mas” carrega outro discurso presente, ou seja, há quem diga que não precisa ser uma seita, mas a posição defendida aqui é outra. Trechos como “na base da porrada” e “aguentar pressão” mostram que há um esquecimento de que estes aspectos não são positivos numa memória social. A referência a Israel remete ao interdiscurso, a um já-dito sobre a guerra que ocorre em tal local, mas nessa sd se esquece da violência forte e da morte, presentes nesta. O que se pretende mostrar é a qualidade do BOPE, que se chama de

⁴ As sequências discursivas apresentadas no trabalho estão transcritas conforme foram produzidas.

“exército” (novamente remeteria ao interdiscurso da guerra, comparando a situação do Rio à guerra). O BOPE ser considerado melhor do que o exército de Israel é evidenciado também em:

sd 2: Na segunda fase do curso a gente ensina a matar com eficiência e dignidade e, pode acreditar, isso é possível...Policia! do BOPE não entra em favela atirando, entra com estratégia. Homem com farda preta entra para matar, nunca para morrer...o símbolo do BOPE deixa claro o que acontece com entra na favela e nossa farda não é azul,é preta. (narrador)

O discurso que diz que a morte é violenta é sufocado pelo de que se pode matar com dignidade e eficiência, e é reforçado esse silenciamento com o uso de “pode acreditar, isso é possível” (se sabe, pela nossa memória discursiva, que isso, no fundo, não é possível). Ao dizer “policia! do BOPE não entra em favela atirando”, há um diálogo com outro discurso, que diz que o policia! comum entra. Novamente a presença do outro é percebida. O mérito do BOPE é ser estrategista. Essa distinção entre BOPE e policia! comum é percebida até na descrição das fardas que utilizam. Há uma ideia acionada pela memória discursiva de que o preto simboliza força, por isso está na farda usada pelo BOPE, diferente da roupa da policia! comum, que é azul, mais “fraco” que o preto.

Agora vejamos a interpretação dos alunos sobre a atuação do BOPE:

FD na realidade (textos dos alunos):

sd 3: a minha opinião é que o BOPE deve continuar com esse treinamentos que são ótimos para enfrentar traficantes e acabar com as drogas.

A posição-sujeito é identificada com a FD para qual a violência é um método justo para combater o crime, pois apresenta uma concordância com os métodos do BOPE. Tal sd é uma paráfrase discursiva da sd selecionada do filme, já que se coloca na mesma posição. O uso do adjetivo “ótimo” qualifica o BOPE e, portanto, os seus métodos de combate ao crime. Esse discurso novamente é percebido em:

sd 4: o filme da tropa de elite até dá pra comparar com a vila da Mario Quintana porque nos dois tem a mesma coisa violência, trafico,etc..mas só tem uma coisa os policiais da tropa de elite são muitos rígidos e eles vão atrás dos traficantes entram nas bocas mais perigosa sem ter medo apenas cumprir com a obrigação deles, e já aqui eles não passam do lado dos traficantes e não fazem nada,nem paredão dão...na tropa de elite...mais o que é ruim é que eles matam diviam deixar apodrecer na cadeia.

O filme é comparado à situação real do sujeito do texto, porém logo é feita a oposição com o uso do conector “mas” por duas vezes: “mas só tem uma coisa os policiais da tropa de elite são muitos rígidos” e “mais o que é ruim é que eles matam deviam apodrecer na cadeia”.

Essa oposição marcada linguisticamente pelo uso do “mas” mostra discursos antagônicos, em confronto, mas que convivem no mesmo enunciado. Novamente, entra a memória discursiva, “que permite que seja acionada a conjuntura histórico-social em que ocorreram os fatos linguísticos, colocando em movimento enunciados pré-construídos” (CAZARIN, 1997, p. 83). Essa categoria de análise permite ao analista do discurso a reconstituição dos enunciados que não podem ser ditos na FD. O que ocorre com esse “mas” é uma desqualificação do discurso-outro (o policial comum – da realidade do aluno é desqualificado em relação ao BOPE – da ficção).

A sd que afirma que eles “deviam apodrecer na cadeia” pode ser interpretada como uma posição-sujeito que defende que a prisão é pior do que a morte (o bandido, então, sofreria mais se fosse preso e não morto). Na verdade, essa sd sai do linguístico e invade o social, pois envolve uma ideologia. Essa interpretação feita baseia-se no convívio que temos com os (re)produtores do discurso aqui apresentado. Conhecendo os alunos que escreveram os textos, podemos acreditar que na posição em que eles se colocam, a morte é mais amena do que a prisão. Há um discurso do aluno que defende que quanto mais o culpado sofre, melhor é. O desejo de vingança é presente na relação social desses alunos. Assim, acreditamos que a sd 4 se encaixe nisso. A defesa da violência como símbolo de eficácia é novamente evidenciada em:

sd 5: A policia do BOPE dá mais conta do recado.

O discurso de que “a polícia comum não atua tanto quanto o BOPE” está marcado linguisticamente com o uso de “mais”. O BOPE, com sua forma de tratar o bandido, é exemplo de eficiência e solução em quase todos os textos. Assim, a posição-sujeito aqui se identifica então com a FD para qual a violência é um método justo para combater o crime, pois atinge o bandido, apoiando o BOPE em sua atuação.

Vista então a FD nos dois recortes, seguimos agora com as posições-sujeitos que definem quem são os bandidos e as vítimas do sistema:

Posição-sujeito 1: o traficante é bandido

Em nossa sociedade, traficante é relacionado com o crime. Esse já-dito também aparece nas sds selecionadas do filme e dos textos dos alunos. Vejamos as sds do filme:

Letrônica, Porto Alegre v.5, n. 2, p.206, jun./2012.

Na ficção:

sd 6: mais de 700 favelas são dominadas por traficantes armados até os dentes... No resto do mundo essas armas são usadas para fazer guerra. No Rio, são as armas do crime... (narrador)

Aqui, há novamente referência à guerra, como na sd1. Porém, agora o discurso é antagônico ao primeiro, pois “guerra” não é mais mostrada como positiva e sim como algo negativo. Essa negatividade é trazida para defender a posição-sujeito que concorda com a FD para qual a violência é um método justo para combater o crime, pois nessa condição de produção (favelas que são “dominadas” por “traficantes armados até os dentes”) o bandido é bem marcado e isso aciona uma memória da necessidade de que alguém o combata. O discurso que aponta para a força do traficante novamente pode ser evidenciado em:

sd 7: Traficante não perdoa (narrador)

A referência à concepção de “perdão” que é acionada por uma memória discursiva tem a ver com poder, já que quem perdoa está numa posição superior à de quem pede perdão. Aqui, esse poder de perdoar é do traficante. Já em relação ao uso do “não” serve para contestar uma fala anterior (interdiscursiva) que admite o perdão.

sd 8: PM aqui no morro é inimigo. É alemão (traficante)

A disputa entre a polícia e o traficante é retomada aqui. Um discurso interessante que aparece é o uso de “alemão” como inimigo, lembrando que o morro é, em sua grande parte, negro e que alemão é oposto disso, tanto pela cor, como pela situação (o negro se sente historicamente discriminado pelo branco, pelo “alemão”). “Alemão” e “inimigo” são usados como sinônimos para o sujeito desse discurso. Essa sd mostra o traficante como bandido, pois este enfrenta como inimigo o que seria a “justiça”, o combatente do crime, representado pelo policial (PM).

Percebemos uma posição-sujeito nas sds do filme T.E. que considera o traficante como bandido. Porém, nesse mesmo discurso apresentado, aparece outra posição-sujeito, que trata o traficante como vítima, mostrando uma contradição dessa FD:

Posição-sujeito 2: o traficante é vítima do sistema:

sd 8: Eu sei como a termina a história do Baiano, mas não sei como ela começou. Ele deve ter tido uma infância fudida. Ser traficante pode ter sido a única opção do cara. (narrador)

Ao dizer que “Baiano deve ter tido uma infância fudida”, há uma evocação sugerindo que o tráfico tem a ver com a infância que não foi boa, ou seja, sabe-se que não é uma “profissão” digna, mas fica entendido que o traficante não teve outra opção por suas condições de vida. Isso isenta em parte o traficante de sua violência e, novamente, temos referência à criança. Aqui, é a infância de Baiano que justifica sua postura atual. Se ele tivesse vivido uma infância melhor, talvez sua história fosse outra. “Infância” evoca alegria, coisa boa. Aqui, é algo ruim (“infância fudida”).

Essa contradição do sujeito, que ora se identifica com uma posição, ora com outra, que aparece na FD para qual a violência é um método justo para combater o crime, não causa problemas, porque a primeira posição apresentada é a dominante, já que, apesar de justificar o motivo que levou ao tráfico, o bandido não é absolvido da culpa, merecendo a punição que sofre.

Vejamos agora as sds selecionadas nos textos dos alunos, para verificar as posições-sujeitos que aparecem:

Posição sujeito 1: o traficante é bandido

Na realidade:

Os alunos que escreveram os textos convivem com a figura do traficante em situação real. Vejamos então, como eles se posicionam frente a isso:

sd 9: o que leva a violência é o tráfico.

sd 10: no Brasil há muita gente que passa perigo morrando em bairros que o tráfico toma conta de crianças que não estudam e vão se junta com traficantes que pagam para eles venderem maconha, pó e outros tipos de drogas. Tem garotos com 11 anos que até já matou e eles são pagos para ficar nas esquinas com uma arma e eles começam a se achar o máximo e acham que eles são homens.

sd 11: A nossa vida não está como antes eu digo que o Brasil não é mais o mesmo, antes tinha violência, tinha ladrões, tinha tráfico, tinha tudo isso mas era mais calmo os ladrões robavam mas sem machucar ninguém hoje eles robam e ainda matam os traficantes traficavam na deles, hoje não, as drogas estão cada vez mais sendo vendidas por crianças de seis sete oito anos de idade.

As sds selecionadas mostram que o tráfico é causador da violência enfrentada no cotidiano. Os traficantes são retratados como poderosos e causam medo na sociedade. Há uma relação forte entre o poder e o tráfico, já que este gera dinheiro, além de *status*, pois a arma simboliza “força”, “poder”, na medida em que na sd 11 não há condenação ao ladrão, ao traficante, mas à violência que é utilizada por estes, ou seja, eles poderiam ser do crime, sem atingir as vítimas de forma brutal. O uso do “mas” traz esse dois discursos antagônicos:

violência, ladrão, tráfico que não machuca ninguém

versus

violência, ladrão, tráfico que mata.

Parece que há uma aceitação do crime, desde que não atinja inocentes.

As sds 10 e 11 acionam uma memória discursiva sobre a criança, pois se sabe, há um já-dito de que criança deve brincar, que criança é inocente. Os autores não estão dizendo isso, mas é um dito que todos sabem, está no interdiscurso.

Assim como no filme, as sds selecionadas dos textos dos alunos mostram posições-sujeito contraditórias. Há uma identificação com o discurso que diz que o traficante é bandido, mas há uma identificação que aponta o traficante como vítima do sistema também (não necessariamente no mesmo texto, mas no conjunto de textos que forma o discurso do aluno do “morro”):

Posição sujeito 2: o traficante é vítima do sistema:

Na realidade:

sd 12: muita gente que passa fome não gosta e vai pro tráfico.

sd 13: mas a lei dá preferência para os ricos e os políticos... mas tem pessoas que sem trabalho o único jeito e roba mata e trafica... quem apanha bate.

O que leva para o mundo do tráfico é a falta de dinheiro, de emprego, de comida. As sds mostram que há motivo para ser criminoso, o que condiz com a posição do filme, quando reflete sobre o traficante, considerando este como alguém sem oportunidades. A culpa parece não ser do traficante, do ladrão, mas do sistema, que empurra crianças para esse mundo do crime, segundo as sequências discursivas mostradas. A frase “quem apanha, bate” reflete o que foi afirmado. É um já-dito repetido. O sujeito repete um discurso, para reforçar sua posição. O pobre “apanha”, por isso “bate”. Essa violência que ele gera não é gratuita, é uma resposta.

Assim, como em T.E., apesar de haver duas posições-sujeito na mesma FD sobre o traficante e seu lugar no discurso, as sds selecionadas não trazem absolvição ao bandido, apenas justificam sua entrada no mundo do crime.

Além dessa figura, há no filme e nos textos dos alunos outra que merece destaque: o policial. Vejamos como este é visto em T.E.:

Posição-sujeito 3: o policial comum é bandido

No filme, o policial comum é separado do BOPE, como sendo parte de um outro grupo. Como o batalhão de operações especiais faz questão de se excluir do grupo policial

comum e como se define como exemplo de moral, fica subentendido que os policiais comuns não são, pois, se fossem, fariam parte do BOPE. Vejamos:

Na ficção:

sd 14: É por isso que aqui, todo policial tem que escolher: ou se corrompe ou vai para guerra...Toda sexta-feira, ele (o major Oliveira) subia o morro para buscar arrego, a grana que os policiais corruptos cobram para aliviar o tráfico de drogas (narrador)

Ir para guerra é correr risco de morte. Ir para guerra está associado a fazer o bem, a não se corromper (a sd mostra duas atitudes antagônicas: ir para guerra x se corromper). Esse uso da palavra “guerra” reforça a ideia de que as palavras ganham sentido de acordo com as posições que elas ocupam num determinado espaço discursivo. O sentido de “guerra” é construído de acordo com o que a posição-sujeito está defendendo.

O uso de “arrego” remete à facilidade, vantagem, e logo vem a posição-sujeito que define que o policial é bandido: os policia cobram dinheiro para não prejudicar o tráfico de drogas (“aliviar” é uma forma amena de dizer isso). Há aqui uma posição-sujeito definindo o policial comum como bandido. Percebemos uma polissemia em “ir para guerra” *versus* “se corromper”, opondo o BOPE ao policial comum. Este se corrompe, aquele vai para a guerra. Há uma separação entre os dois grupos e seus discursos. Polissemia é “o deslocamento, a ruptura, o diferente no discurso. São os processos polissêmicos que garantem que um mesmo objeto simbólico passe por diferentes processos de re-significação” (LEANDRO FERREIRA, 2008).

Por outro lado, assim como ocorreu com o traficante, o discurso mostra outra posição-sujeito, que considera o policial como vítima do sistema.

Posição-sujeito 4: o policial comum é vítima do sistema

Há uma posição-sujeito que define o policial comum como bandido, pois este é corrupto e favorece o crime, mas há também uma posição-sujeito que justifica o motivo de isso ocorrer. O baixo salário, as péssimas condições de trabalho favorecem a corrupção. Novamente, não há isenção de culpa, apenas reflexão sobre os motivos que levam o policial regular ao crime.

sd 15: Policial tem família. Policial tem medo de morrer...A maioria das pessoas não gosta da guerra e o major Oliveira não era exceção. (narrador)

Família remete à união, estrutura. O policial tem família e tem medo de perdê-la, medo de morrer. E é isso que atenua o fato de ser corrupto, pois parece que se justifica por assim ser, ou seja, a solução é negociar com o bandido.

Conforme percebido, as diferentes posições-sujeito aparecem na mesma FD para qual a violência é um método justo para combater bandidos. O traficante e o policial são apontados como bandidos, mesmo que haja posições-sujeito que amenizem essa culpa, tentando justificá-la (mas não a isentando, vale lembrar).

As sds selecionadas dos alunos sobre o traficante apresentaram paráfrases em relação as sds do filme, pois mostraram em relação ao traficante a mesma contradição no discurso, a mesma heterogeneidade e a mesma FD. Entretanto, no que diz respeito ao policial, isso não ocorreu. A posição-sujeito das sds dos textos dos alunos é bem definida: policial é bandido, não é vítima em nenhum momento:

Posição sujeito 3: o policial comum é bandido

Na realidade:

O policial comum, ao se omitir, ao abusar da sua autoridade, deixa de representar o “mocinho”, o que seria o esperado, e passa a ser considerado “bandido” nas sds selecionadas dos textos dos alunos:

sd 16: mas eles não fazem ronda onde os marginais estão só fazem onde eles não estão.

sd 17: os policiais não querem fazer a lei serem cumprida.

sd 18: a policia não faz nada... se aproveitam do seu direito de autoridade para espancar algumas pessoas.

sd 19: hoje até os policias são traficantes.

As sds apontam o policial como oposto daquele imaginário comum sobre tal figura, ou seja, ao pensarmos em policial, pensamos em alguém que combate o crime, que age pela Lei. Há uma memória, algo pré-construído sobre o papel do policial e essa memória está presente na sd que começa com “mas”, pois essa marca linguística é a marca da contradição, ou seja, o discurso deveria ser o “eles fazem ronda onde os traficantes estão”. Porém, este discurso é sufocado com a denúncia de omissão por parte dos policiais comuns. A denúncia vai além, pois o policial ora se omite, ora age como bandido (que espanca inocentes). Há o imaginário do policial comum que deveria ser aquele que pune bandido, que salva inocente. E este imaginário é desconstruído aqui. Essa ideia de policial oposto à Lei também foi verificada no filme T.E. Porém, nas sds selecionadas dos textos, o seu crime não se justifica.

Além dessas figuras, há outra no filme T.E: o usuário de drogas. Este é visto como o principal responsável pela violência, de acordo com as sds selecionadas da obra, o que choca quem assiste ao filme, pois o esperado é que o traficante ocupe esse lugar mais do que o usuário. Vejamos como este aparece no filme:

Posição-sujeito 5: o usuário de drogas é bandido

Na ficção:

sd 20: -Dá um tapinha?/ - Não, não gosto./ -pô, relax. (estudante rico oferecendo maconha para o colega de faculdade, que é o policial Matias do BOPE).

A conversa mostrada explicita bem a imagem de que maconha é algo relaxante (“relax”), não é vista como droga, ou seja, o rico (o filme deixa claro que o estudante é rico) consome drogas com naturalidade. No diálogo, há um silenciamento de que isso é ilegal e que favorece o tráfico de drogas e, por conseguinte, a violência, o que, por outro lado, é trazido à tona pelo narrador, conforme aponta a sentença:

sd 21: Eu sempre pergunto: quantas crianças a gente tem que perder para o trafico só para um playboy enrolar um baseado. (narrador).

Há uma relação entre as “crianças” que são mortas com o “playboy” que usa drogas. Nesta cena, há a criança, representando a vítima (há um discurso de que criança simboliza o inocente, pois, por ter pouca idade, “não entende muito sobre a vida”, suas escolhas são definidas pelos adultos), há o *playboy* (termo mais pejorativo para falar do rico esnobe, alienado), representando o bandido – se ele não comprasse para “relaxar”, não haveria tráfico e ninguém morreria – e há os policiais do BOPE, tentando combater o tráfico e mostrando que é isso que faz as vítimas (as crianças) que não conseguem ser salvas, e não os métodos da tropa de elite.

sd 22: Você é estudante? Tá vendo esse buraco aqui? (o tiro no rosto de um traficante que foi morto). Você viu quem matou?...Quem matou esse cara foi você. Você que financia essa merda. A gente vem aqui para desfazer a merda que você faz...Vagabundo. (narrador).

A responsabilidade da violência é colocada no estudante que comprou a droga. O policial do BOPE matou. Porém, a culpa da morte é novamente por outros, nesse caso, o rico (o *playboy*), pelos motivos já apontados. Parece que a formação discursiva para qual a violência é um método justo está embasada em dizeres como esta sequência discursiva, ou seja, o BOPE só matou porque era preciso, mas a morte não é sua culpa, e sim do tráfico.

As sds do filme apontam o usuário de drogas como o bandido da história. Embora não use armas (como o bandido), ele é o “articulador”, o líder do crime, pois é quem o ocasiona e, por isso, não é absolvido em nenhum momento do filme. Essa visão surpreende, pois foge do que todos esperam, já que o traficante se enquadraria mais no papel de bandido (isso é tão forte que os alunos nem lembram dos usuários ao pensar em bandido).

Além dessas posições-sujeito apresentadas no filme T.E. e nos textos, percebemos que há uma outra que aparece nos dois recortes e que se enquadra na FD para qual a violência é um método justo para combater o crime, mas que carrega outros saberes discursivos, considerando que a violência também atinge vítimas.

Posição-sujeito 6: o pobre morador da favela é vítima do sistema

O morador de favela é apresentado como vítima em T.E., mas apenas para embasar a posição imparcial do BOPE. Explicamos:

Na ficção:

Uma das cenas do filme T.E. mostra essa posição-sujeito apontada, ao retratar uma mãe, que não está envolvida diretamente com o tráfico, mas que sofre as consequências por seu filho fazer parte disso. Tal cena mostra a mãe dialogando com o capitão Nascimento, pedindo para enterrar o menino (uma criança) com dignidade, pois ele morreu por “entregar” o traficante ao policial do BOPE:

sd 23: – Eu vim aqui para pedir o direito de enterrar me filho... ele era fogueteiro. / – nós não matamos seu filho. / – mas vocês soltaram ele. Vocês acharam que eles iam perdoar?

sd 24: traficante mata fogueteiro que dá mole e no fundo eu sabia disso. A mãe do fogueteiro me fez sentir remorso e isso pra um oficial do BOPE é um sentimento muito ruim. (narrador)

Apesar de o menino ser “fogueteiro” (quem avisa ao traficante que a polícia chegou ao morro), ou seja, ser cúmplice do crime, ele era antes de tudo uma criança e tinha uma mãe, que não estava envolvida diretamente com o problema, mas que estaria sofrendo com essa violência, sendo considerada, portanto, uma vítima (aliás, criança e mulher evocam “vítimas” da sociedade). O Capitão Nascimento mostra remorso em ter deixado vivo o fogueteiro, por saber que este seria morto. Há uma consciência de que se faz vítimas nessa “guerra”, mas é silenciado esse discurso, em prol de justificar as atitudes violentas do BOPE como solução para o fim da violência. Interessante observar também que sentir remorso é algo ruim para um oficial do BOPE, dando a entender que este, por ser estrategista, conforme já mencionado,

não pode se envolver emocionalmente. O BOPE, por se considerar justo, tenta ser imparcial, sem sentimentos, apenas com ações efetivas no combate ao crime. O que está em jogo na verdade, como aponta essa sd, não é o fato de a violência fazer vítimas, mas o fato de que o BOPE precisa ser forte. O foco é o batalhão de operações especiais e sua regra de postura. Essa desconsideração, por parte do BOPE, com o inocente atingido pela violência é, inclusive, percebida em algumas cenas do filme, como já foi citado anteriormente. Entretanto, em momento algum, há análise do narrador sobre esse fato.

Já nas sds selecionadas dos textos dos alunos, esta preocupação com o inocente, com o morador da favela, é mais evidente. A posição-sujeito que mostra esse saber discursivo é percebida. Vale lembrar que os alunos que escreveram os textos ocupam o lugar do morador da favela. Moram em um morro e convivem diariamente com a guerra do tráfico:

Vejamos como os alunos se posicionam frente à violência que atinge o inocente:

Na realidade:

sd 25: há também gente de bem pretendendo apenas fazer o seu trabalho. Pessoas tem medo da policia pois em blits as vezes são espancadas, as vezes por ser pobre são maltratados.

sd 26: acho errado a policia chegar madando todo mundo para depois saber quem e traficande.

sd 27 enquanto tem pessoas inocentes presas, os bandidos perigosos estão por aí.

O uso de “também” na sd 32 serve para incluir no mesmo meio (social) do bandido a “gente de bem”, que é a que faz o bem, de acordo com os critérios da sociedade (memória). Ao falar em “gente de bem”, o seu oposto é trazido à tona, ou seja, há “gente do mal” na comunidade. Existem os “mocinhos” e existem os “bandidos”. Trata-se de um saber que é reproduzido nos discursos dos alunos. As pessoas que não estão envolvidas com o crime têm medo da polícia, pois são tratadas como bandidas, por estarem ali, sendo espancadas e maltratadas. A polícia é violenta, de acordo com as sds selecionadas, não por tentar combater o crime, mas por punir quem é inocente, não se preocupando com este.

O inocente enfrenta a guerra do tráfico e torna-se vítima desta, pois, de acordo com as sds, o tráfico tem poder e causa perigo a quem mora no local:

sd 28: o tiroteio no bairro Mario Quintana...começou intensamente com os bandidos... depois os policiais... os bandidos foram para baixo da minha casa... além disso deram um tiro no meu cachorro.

sd 29: os traficantes davam hora para nos entrar para dentro de casa por que ia dar tiroteio... o tiroteio comecava bem mais cedo todo pessoal tinha que largar correndo para dentro de casa por que se não tomava uma rajada no meio da cara.

sd 30: as pessoas quem nem tem nada a ver com isso sofrem bastante. Arriscam suas vidas morando nos morros. Tiros pra tudo que é lado sem ter para onde fugir. Seus filhos morrendo dentro de suas próprias casas.

O tráfico atinge os moradores de forma brutal, pois a violência se reflete em suas casas, seja com bandidos usando os espaços como esconderijo, seja com balas perdidas. O medo é fator presente na vida cotidiana do morador, pois sabe que há possibilidade de “tomar uma rajada (de bala) no meio da cara”.

O interessante é perceber que não se propõe em nenhuma sd selecionada uma outra solução para o crime. Assim, a violência é a melhor forma, é um método justo, mesmo sabendo que atinge vítimas, que muitos inocentes acabam morrendo ou vivendo com medo. Há uma fala do Capitão no final do filme que diz “quem disse que a vida é fácil”, que parece se encaixar perfeitamente nas sds dos textos dos alunos do “morro”.

Observamos o quadro comparativo abaixo que resume o que foi explicitado, a fim de visualizarmos como as posições-sujeitos do filme (ficção) e dos textos do aluno (realidade) se encaixam dentro da mesma formação discursiva para qual a violência é um método justo para combater o crime, pois pune bandido:

	Violência na ficção (filme)	Violência na realidade (textos dos alunos)
Posição-sujeito 1: o traficante é bandido	X	X
Posição-sujeito 2: O traficante é vítima do sistema	X	X
Posição-sujeito 3: o policial comum é bandido	X	X
Posição-sujeito 4: o policial comum é vítima do sistema	X	
Posição-sujeito 5: o usuário de drogas é bandido	X	
Posição-sujeito 6: o pobre inocente é vítima	X	X

Olhando o quadro comparativo dos dois recortes, podemos perceber que tanto no filme como nos textos dos alunos há o crime e, portanto, há o bandido e a vítima, como algo já sabido (do interdiscurso). No filme, e isso se percebe pelas sds analisadas, o bandido não é somente o traficante, mas a polícia comum, que, na medida em que aceita propina, é corrupta. Há ainda o usuário de drogas apontado como bandido, pois ao consumir, favorece a venda, já

que só há o comércio ilegal de drogas, porque há quem sustente isso. Nas sds selecionadas dos textos dos alunos, há também posições-sujeito que consideram o traficante bandido, que consideram o policial tão bandido quanto o traficante. No entanto, não há quem considere o usuário de drogas bandido. O filme mostra uma justificativa para o traficante ou o policial terem entrado para o mundo do crime. Mas a justificativa para o policial não é apresentada nas sds dos textos dos alunos.

Durante todo filme quem combate o crime não é a polícia comum do Rio de Janeiro, é sempre o BOPE, que se considera na prática como outro grupo. Há um discurso que afirma que a polícia serve para combater o crime, e aqui há uma posição-sujeito que repete esse discurso externo, mas afirma que a polícia comum também comete crime, é bandida, o que a diferencia do BOPE, que com seus métodos é eficiente. As sds selecionadas dos textos dos alunos também mostram mais confiança no BOPE, considerando a polícia comum ineficiente.

Fechamos então a análise observando que há muito mais semelhanças entre os dois recortes do que divergências.

3 Considerações finais

Na verdade, não imaginávamos que as sequências discursivas selecionadas dos textos dos alunos apontassem para a mesma FD percebida no filme, pois pensávamos que apareceria, de forma dividida, uma identificação com duas FDs divergentes. Pensávamos que haveria duas FDs antagônicas, mas o que verificamos foi uma paráfrase discursiva. O dizer dos alunos repete em grande parte o dizer do narrador do filme: a violência é a solução para acabar com o crime, portanto, o método é justo, mesmo que possa vitimizar muitos inocentes, como os moradores de favela (incluem-se aí os alunos), que estão envolvidos pela guerra do tráfico.

Ainda comparando os dois recortes, podemos observar que os textos dos alunos mostram mais reflexão sobre o morador da favela que vive dentro desse conflito armado, sendo considerado vítima. Os textos denunciam a postura da polícia comum, seja por omissão, seja por abuso de autoridade. Aliás, a polícia é mesmo bandida para os sujeitos dos textos analisados, contrariando o imaginário (memória discursiva) que se tem de “polícia” (essa noção de polícia ligada à Lei só é acionada quando os textos remetem ao BOPE).

As sds selecionadas dos textos dos alunos não culpam o traficante pela violência da mesma forma que culpam a polícia comum, pois consideram que o primeiro é bandido por

falta de oportunidades na vida. De acordo com as sds, o traficante é mais vítima do que bandido, novamente contrariando o imaginário comum de que traficante é bandido. As sds selecionadas dos textos dos alunos mostram que eles se relacionam melhor com o traficante do que com o policial comum, pois enquadram o primeiro na mesma posição que os sujeitos dos textos ocupam: a de pobre morador de favela, sem oportunidades, enfrentando problemas sociais, que acabam levando o indivíduo a virar “bandido” (há uma justificativa, não absolvição, assim como em T.E.). Esperávamos que alguns alunos defendessem o bandido, considerando a violência uma injustiça contra este, já que, na prática, muitos que escreveram os textos já são traficantes.

Entretanto, a surpresa: mesmo que alguns sujeitos dos textos selecionados considerem que o traficante é vítima do sistema, não há discórdia sobre o método usado para acabar com o tráfico. Os textos mostram que os alunos concordam com os métodos utilizados na T.E. para acabar com o crime e, assim como o Capitão Nascimento, também mostram que o tráfico, a corrupção policial geram a violência, acreditando que é preciso uma polícia “rígida”, como o BOPE (que no filme é violento), para combater o crime. Não há questionamento sobre os métodos desta tropa de elite. No fim das contas, a visão do sujeito dos textos selecionados é a mesma visão do narrador do filme: há o crime e é preciso puni-lo, sendo a violência a única alternativa.

O objetivo deste trabalho foi verificar como os alunos discursivizam a violência, foi verificar como eles se posicionam frente a esta, porque entendemos que os sujeitos dos textos são preocupados com a violência, mas não sabem como combatê-la sem ser com a mesma moeda. São estes sujeitos, atormentados pela violência, violentos por consequência, que fazem parte da nossa sala de aula, que é, por si só, um lugar de conflito de posições onde se instauram diferentes discursos, e onde um tenta se sobrepôr a outro. E sabe-se que a FD escolar impõe o que pode e deve ser dito. Ela prioriza o lugar do professor e isso influencia no discurso do aluno que diz o repetível, aquilo que o professor quer ouvir. Fazemos essa observação, porque acreditamos que isso tenha ocorrido nesse trabalho, ou seja, talvez por medo de fugir da FD escolar os alunos não escreveram o que realmente queriam escrever. Sabemos, por exemplo, que muitos são traficantes, e isso não apareceu em nenhum momento nos textos. O aluno sabe o que pode ou não ser dito no ambiente escolar e por isso tem cuidado no seu discurso. O que pretendemos é achar onde esse cuidado passa despercebido, para assim entender de fato como eles discursivizam a violência, em diferentes condições de produção, não apenas em um texto de sala de aula. Entendendo como eles discursivizam a

violência, entenderemos melhor como eles lidam com ela na prática, o que acabará influenciando em nossa postura na relação professor-aluno.

Referências

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). Tradução de Celane M. Cruz e João W. Geraldi. *Cadernos de estudos linguísticos*, Campinas, n. 19, p.25-42, jul./dez. 1990a. Tradução de: *Hétérogénéités énonciatives*, 1984.

CAZARIN, Ercília. *Heterogeneidade discursiva relações e efeitos de sentido instaurados pela inserção do discurso-outro no discurso político de L.I. Lula da Silva*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 1997.

INDURSKY, Freda. Da interpelação à falha no ritual: a trajetória teórica da noção de formação discursiva. In: BARONAS, Roberto L. (org.) *Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007. p.75-87.

LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. *Glossário de termos do discurso*. www.discurso.ufrgs.br. 2008.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. São Paulo: Pontes, 2003.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. Tradução de Eni P. Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 2.ed. Campinas: Unicamp, 1993. p.61-161. Tradução de: *Analyse automatique du discours*, 1969.

_____. *Semântica e discurso: uma afirmação ao óbvio*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi [et al.]. 3ª edição, Campinas/SP: Ed. UNICAMP, 1997.

PECHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: Atualização e Perspectivas(1975). Tradução de Péricles Cunha. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 2.ed. Campinas: Unicamp, 1993. p.163-252. Tradução de: *Mises au point et perspectives à propos de l'analyse automatique du discours*, 1975.

Recebido em fevereiro de 2012.

Aceito em abril de 2012.